DE SOL A SOL

Masaryk, o europeu

Um justo título é êste o de **europeu.** Europeu se chama a quem vivendo toda a altitude intelectual da Europa, tem da sua vida geral um conhecimento relativamente perfeito e sabe com precisão os caminhos que ela segue.

Masaryk era um dêsses homens. Europeus—é moda chamar-se a Forel, Rolland, Zweig, aos irmãos Mann, a Glaeser ou aos Curie. Europeus geralmente se chama a todos quantos elevando pelo valor mental o país onde nasceram, viram o talento transcender os limites da fronteira do seu país, e insensìvelmente dele se deslocaram. Masaryk —quem o não reconhece?— pela audácia de que revestiu todo o seu actuar, pelo génio organizador de que amplamente deu provas, por todo o lento elaborar—mas porfiado, mas contínuo—da sua personalidade elevada, austera, nobremente destacada, foi bem isso que lhe chamaram: **cidadão da Europa.**

O Snr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço, improvisador...

Os leitores ouviram certamente falar no Sr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço, intelectual— pois não é assim?—de justa fama, mesmo em voga nos tempos idos do **Fradique,** êsse que foi orgão venerado da literatura nacional e até da nossa literatice. O Snr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço é uma pessoa que, por vezes, se nos afigura arguta, ponderada, cheia de bom senso, no seu intelectualismo de **verdad, racée.** E' poeta, ao que dizem, e nós não vamos garantir que —palavra de honra!—seja um mau poeta. Nunca o vimos versejar, pálido e magro, nas rimas deixando entrever amores serenos e românticos. Mas não é difícil crêr que verdadeiramente seja poeta, que de facto saiba, com mãos hábeis de lírico carpinteiro, carpinteirar sonetos... O Snr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço é poeta, meus senhores! E' entrar! E' entrar! Rivoli! Rivoli! O Dr. Tomaz Ribeiro Colaço improvisará sonetos! E' entrar! V. Ex.as, meus senhores, indicam as rimas! O Dr. poeta faz os sonetos que V. Ex.as queiram! Quem não tem cabeça não paga nada! Fenómeno! E' entrar!

Wells e a educação social

Sabido o amor com que os ingleses guardam êsses pequeninos nadas transmitidos de pais a filhos e que se chama tradição, não nos maravilha nem nos comove o largo frémito de espanto que recentemente percorreu a fria e conservadora Albion. Wells, sereno e fleugmático, na serenidade e na fleugma britânicas, que de vez em qrando quebra com os lampejos do seu humorismo construtivo e penetrante, falou de educação social, com aquela nitidez e verdade que o mundo culto está habituado a admirar no notável autor de **A Guerra dos Mundos.** E falando assim, Wells quebrou o rigôr das tradições, religiosamente observadas—e foi até aplaudido.

Não são, por certo, novidades as palavras e as ideias proferidas pelo humorista afamado. Dá-lhes, porém, um singular relêvo o lugar atingido na escala dos valores mentais dos tempos que decorrem e a aceitação deferente que a Wells se faz no mundo oficial, recitando seus discursos, de salutar humanismo, nas cátedras da **Royal Academy.** Ao serviço das ideias de Wells está toda uma imprensa acolhedora e benévola que, caprichosa como é, lhe apraz às vezes difundir pelo mundo, nas alturas dos seus fundos e das suas primeiras páginas, sensatas palavras de pensamento construtivo. De resto, às suas palavras, para terem a fácil aceitação que tiveram, a despeito do clamor levantado, não faltou o senso crítico que, diríamos, as torna invulneráveis, intangíveis.

Não hesitou Wells em encarar o problema, com o rigor dum cirurgião empunhando o bisturi. E assim, falando do ensino da história, como uma das principais orientações educativas, não se furtou a olhar o problema evocando factos históricos ensinados na sua pátria imperial. Serviu-se, portanto, dêsse ensino (evocando, como dissemos, acontecimentos ingleses) para demonstrar as enormes deficiências que se registam na formação educativa dos homens e que, de maneira decisiva, influem na marcha do mundo, num sentido deshumano, gerando muitas fáceis ilusões e deformando mentalidades. Wells atacou um problema prenhe de interesse e gravidade e se quebrou a tradição britânica não deixou de fazê-lo de maneira que ela o compreendêsse, pela cintilância do seu espírito austero **doublé** de humorístico.

Na China - influência política das mulheres

Na política, sobretudo, exerce-se o poderio feminino de maneira muito oculta, ora misteriosa ora subtil... E se aos quatro ventos se afirma que começou agora a época da intervenção da mulher na política, foge-se a uma verdade histórica e labora-se, afirmando tal, num êrro de visão. Sempre a mulher interveio na política, não certamente no aspecto declarado de hoje, mas, talvez e sempre, pelos conselhos e as sugestões, na intimidade, das variadas M.mes de Pompadour. Na China actual é notória a influência das senhoras Soong, três irmãs, a primeira esposa do actual ministro das finanças, a segunda viúva de Sun-Yat--Sen, fundador emérito da república oriental, e a última esposa de Chiang-Kai-Shek, generalíssimo dos exércitos chins e presidente da república. Pearl S. Buck, no **Cosmopolitan,** que «Inteligencia» transcreveu, traça um retrato muito perfeito dessas três mulheres, de uma actividade rara, combativas, cheias de energia, cientes dos problemas vitais da sua pátria. Três irmãs nascidas para destinos supremos.

Panorama Literário

■ *Em separata do II volume da «Colectânea de Propaganda Económica Portuguesa» saíu:* **Notas sôbre a evolução das relações comerciais entre Portugal e a França, desde os fins do século XVIII,** *em que o nosso colaborador Nuno Simões, o autor, estuda as relações havidas entre os dois países e expõe a necessidade imperiosa de efectivar-se entre êles uma aproximação, cada vez mais íntima, em todos os campos. Edição da revista Portugal Exportador — Lisboa.*